

Enrique e Teresa, cara a cara *Uma palavra para o século XXI*

Asunción Codes Jiménez stj

Antes de começar, quero dizer que minha intenção foi encontrar aquela palavra, experiência ou mensagem que tanto Teresa quanto Henrique, olhando-se cara a cara, pudessem endossar juntos e sem sombra de dúvida. Por isso, e para evitar repetições, às vezes escreverei seus nomes e, outras vezes, limitarei-me a citá-los implicitamente.

Se tivesse que resumir em poucas palavras a mensagem desses dois grandes místicos e profetas para este século, diria que se trata de um convite universal.

Todos estamos convidados para o Banquete do Reino¹, para o encontro com o mistério de Deus encarnado em Jesus e em nossa história, nas circunstâncias especiais de nosso tempo e de nossos contextos! A força da experiência de Deus em suas vidas se torna para todos nós hoje uma palavra viva de esperança, de confiança e de verdadeira alegria.

A experiência de fé conduziu cada um deles a um conhecimento e amor de Jesus, de si mesmos e do mundo, inteiramente peculiar, místico, que lhes fez provar, já aqui na terra, a salvação, entendida como experiência do que significa a dignidade indestrutível de cada pessoa, o senhorio de Deus e a liberdade interior para amar e servir: “Nisto consiste a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a quem enviaste, Jesus Cristo”².

Teresa e Henrique conheceram um Deus que não busca outra coisa senão COMUNICAR-SE e tratar diretamente com

seus filhos e filhas, que se revela como PRESENÇA que transforma e habita toda a criação, e como AUSÊNCIA que causa dor, mas que amplia o desejo do coração humano e o torna um buscador da Verdade. Pela fé, os dois suportaram em suas vidas a densidade do MISTÉRIO e, ao mesmo tempo, descobriram sua própria INTIMIDADE HABITADA por esse mesmo mistério que é Deus.

Hoje agradecemos que a experiência de Jesus nos dois se tenha tornado tão concreta, tão essencial, tão fundamental e tão cotidiana, que não desejaram outra coisa senão dar a conhecer e fazer amar por TODOS esta “pérola preciosa”, este “tesouro escondido”, que enchia de sentido, alegria e liberdade o seu coração humano.

Sua palavra tornou-se experiência a ponto de poderem repetir com o apóstolo: “O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram do Verbo da vida, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos”.³

Graças a ele, tornou-se possível compreender o cristianismo tal como K. Rahner o definiu no século passado: “O cristão do século XXI ou será místico ou não será cristão”. Sua experiência nos ajuda a compreender que ser místico não é outra coisa senão SER CRENTE E ACREDITAR NISSO até as últimas consequências, consentir que a contemplação de Jesus desperte em nós sua paixão por Deus e pelo mundo ao qual pertencemos

1 CP 19, 15: “Vede como o Senhor convida a todos...”

2 Jo 17, 3

3 1 Jo 1,1

enviados. Uma relação como essa, ensinam-nos ambos, só pode ser mantida quando perdemos toda a confiança em nós mesmos e a depositamos em Deus⁴.

Em sua escola, palavras como fé, confiança, oração, amizade, zelo apostólico, obras... tornam-se familiares para nós, e todas elas nos recolocam a cada um em nosso lugar, porque nesta história Ele tem a iniciativa e nos busca incansavelmente, enquanto a nós cabe descentrar-nos e transcender-nos – consentir que este verme construa o casulo onde há de morrer e nasçam asas à borboleta⁵ –, caso contrário, é impossível que se encontrem as “condições” e se unam as liberdades. Liberdade é outra “palavra” que herdamos.

Sua mística está sempre ligada à Escritura e se alimenta dela. Em sociedades que, como a nossa, desenvolveram seus mecanismos para reforçar imagens enganosas da realidade, falsos reconhecimentos, aquela “honra” mal entendida que tanto fez sofrer Teresa de Jesus, a Palavra lida a partir das profundezas de seu ser lhes revelou a verdade mais profunda de si mesmos, revelou-lhes Jesus e o verdadeiro sentido da busca da própria identidade perdida: *“Alma, tu me procuras em mim e a mim me procuras em ti”*⁶.

Suas vidas e escritos nos mostram que sua experiência mística não é alheia à dimensão eclesial, constitutiva de toda vida cristã. A união com Deus que experimentaram realizou nelas a incorporação ao mistério pascal de Jesus e as fez parte do corpo místico. Os males da Igreja eram seus males,

A pobreza apostólica e o pecado institucional dos sacerdotes e dos eruditos, os líderes da Igreja de sua época, encheram seu coração de dor. Eles experimentaram sua inserção no corpo eclesial; sua experiência mística abriu-se para a atenção e o cuidado com os outros e dotou-os de um dinamismo evangelizador que está na raiz de grande parte de seus esforços para comunicar a própria experiência, e de muitas de suas decisões inovadoras e criativas em favor de uma Igreja renovada.

Para Teresa e Henrique, acreditar em Jesus significava segui-lo. Escuta, obediência e seguimento uniram-se em sua contemplação de Deus e dos acontecimentos. A experiência mística consistiu em identificar-se com Jesus, em unir suas vontades e em expressar seu amor a Deus e ao próximo como as duas faces do único e verdadeiro amor. A partir do momento em que Deus se faz presente no rosto e na vida do Verbo encarnado, a fé que O reconhece nessa vida não pode prescindir da dimensão ética e do compromisso social e com toda a criação. Eles deixaram o amor e a fé agirem acima do razoável e do sensato⁷. Sua “loucura de amor” os impeliu a sonhar e a realizar seus sonhos, pois compreenderam que *para isso servia o matrimônio espiritual, para que nascessem as obras*⁸. A escola de oração em torno de Teresa de Jesus, a reforma do Carmelo, as obras teresianas do século XIX, serão o fruto maduro daquele zelo pelos interesses de Jesus que ardia em seus corações.

Gostaria de sublinhar, por fim, que a experiência mística reveste-se de

4 V 8, 12

5 VM 2,2

6 Poemas: Busque-se em Mim

7 Organicémonos, 2, 6: *“Além disso, aqueles que devem ser os líderes desta organização católica não devem ser pessoas de grande perspicácia, pois tais indivíduos, baseando-se apenas, ou excessivamente, em razões de prudência humana, raramente realizam algo que contribua para a honra divina”*

8 VII M 4, 6

formas e conteúdos próprios em cada tempo e circunstância. Não podemos deixar de viver a experiência de Deus em relação às características e aos desafios de cada época e cultura em que vivemos. Nossa atitude diante dos fatos que definem um momento histórico faz parte de nossa atitude diante de Deus e de seu mistério insondável. Não podemos viver a relação com Ele se não consentirmos que Deus se revele a nós nessas circunstâncias, e da maneira como Ele decidir fazê-lo. Reconhecemos isso em Teresa de Jesus, em Henrique de Ossó e em tantos e tantas místicas de todos os tempos.

Se quisermos ouvir a PALAVRA que eles têm para nós hoje, teremos de descobrir, nessa convite universal para participar do Banquete do Reino, nossa vocação de místicos e profetas no século XXI⁹, mesmo que tenhamos de ir construindo uma nova experiência da mística para a qual este século nos conduz, com suas luzes e sombras, desafios, crises e oportunidades. O drama da pobreza, a sede de espiritualidade, o obscurecimento de Deus e a falta de ética, os abusos de poder, a violência em qualquer de suas formas e a ausência de diálogo para buscar soluções aos conflitos, as mil formas de escravidão moderna, a globalização da indiferença e a crise econômica que muitas famílias e povos inteiros vivem, etc., nos levarão a desenvolver uma “mística da noite” ou uma “mística de olhos abertos”, uma mística da rua, do encontro, dos sentidos ou da solidariedade, mas nenhum acontecimento será impedimento para que hoje acolhamos nossa vocação de místicos e busquemos

juntos as formas de sê-lo para podermos continuar sendo cristãos.

A partir dessas premissas, creio que podemos afirmar que as palavras que hoje recebemos de nossos mestres serão, sem dúvida, palavras de ESPERANÇA, pois sustentam uma maneira de olhar e de estar no mundo que gera vida. Palavras que fortalecem a CONFIANÇA porque remetem a uma Presença que nos dá poder e nos fortalece. Palavras que ALEGRA o nosso coração porque dão asas para voar e criam laços que despertam o amor comprometido. Vamos atrás delas e deixemos que entrem em diálogo com a realidade que vivemos hoje nos diferentes contextos teresianos.

Fé, oração e zelo pelos interesses de Jesus: uma espiritualidade que nos torna “verdadeiramente espirituais”, em contato direto com as realidades deste tempo que é o NOSSO TEMPO

“Nada se compara à fé simples, viva, eficaz e, digamos assim, cavalheiresca, de Teresa de Jesus, e que ela infunde em todos os seus seguidores...”¹⁰... “Vimos como Santa Teresa de Jesus organizou os exércitos dos fortes e os dotou de armas espirituais para que lutassem pela casa e pela lei do Deus dos exércitos. Uma dessas armas é a fé, e a outra, a oração. A fé que vence o mundo, a oração que vence o mundo e até o próprio Deus... Os dois castelos invencíveis, inexpugnáveis, de onde a alma se defende e faz guerra e sai sempre vitoriosa contra todos os inimigos são o amor e o temor de Deus; e a alma teme e ama mais a Deus nosso

9 H. Bergson: «Quando o místico fala, há no fundo da maioria dos homens algo que imperceptivelmente lhe faz eco; nos revela uma perspectiva maravilhosa, da mesma forma que quando um artista genial produz uma obra que nos ultrapassa, cujo espírito não conseguimos assimilar, mas que nos faz sentir a vulgaridade de nossas admirações anteriores; e se a palavra de um grande místico encontra eco em nós, não será porque em nós há um místico latente que espera apenas uma ocasião para despertar?»

10 Revista Teresiana. Nº 177, junho de 1887

Senhor, à medida que creio na fé e persevero e avanço na oração»¹¹

Fazemos parte de uma sociedade que vive as consequências de profundas mudanças sociais, econômicas e religiosas. Todos nós, de alguma forma, enfrentamos inseguranças, incertezas profissionais ou afetivas. Também sentimos que nossos melhores projetos de vida estão marcados por grandes interrogações quanto ao futuro. Estamos sofrendo uma vulnerabilidade que nos leva a questionar seriamente sobre em que Rocha firme estamos construindo hoje nossa existência e a de nossos filhos e filhas, alunos e alunas, irmãs, etc., e em quem depositamos nossa confiança, que é o maior dom que temos e o mais frágil.

A dispersão, as crises de fé ou, melhor dizendo, a “crise de Deus” em muitas de nossas sociedades, e a presença, ao longo do século XX, de formas massivas do mal, que têm sua manifestação final na terrível injustiça que reina no mundo globalizado, que condena milhares de pessoas à fome, à pobreza sem, ou a tantas formas de escravidão moderna, bem como as buscas por uma experiência que sacie a sede, transcenda e dê sentido ao cotidiano e limitado de nossas existências, são realidades que hoje clamam por nós, a esta Família Teresiana de Henrique de Ossó.

A palavra que recebemos está relacionada com assumir a responsabilidade histórica diante deste precioso legado da experiência de fé, do relacionamento de amizade, da fé que vence o mundo e da oração que inflama os corações. É preciso recriar aquele segredo que tornou Henrique e Teresa cúmplices em suas grandes empreitadas: a confiança absoluta em Deus

em tempos difíceis e a partir da vulnerabilidade vivida em nossas próprias histórias.

A experiência mística de que falávamos no início não é um caminho alheio à fé ou alternativo a ela; é precisamente o próprio aprofundamento da fé. Não é uma tentativa de evasão interior; é o próprio cristianismo e define-se pela tríplice e única relação com o Mistério que se realiza na fé, na esperança e na caridade.

Não falamos da fé como a mera afirmação de algumas verdades; falamos de acolher sua presença misteriosa, no mais profundo da realidade, e confiar de que percorremos o caminho em companhia. Nossa fé vence o mundo quando reconhece em Jesus o rosto vivo de Deus e lhe dá autoridade para que sua Palavra e seus gestos moldem desejos, pensamentos, ações e toda a nossa vida adquira uma nova dignidade.

E não devemos esquecer que Jesus não vem para trazer tranquilidade, mas para gerar um processo doloroso e conflituoso de conversão radical: a “conversão do olhar”, que purifica a pupila da alma, “o que há de mais divino no homem”, segundo nos diz Santo Agostinho, e a “conversão do coração”, na qual São Bernardo faz consistir a fé. Essa conversão do coração implica a passagem do coração “duplo e dividido” para o coração unificado e simplificado¹², o que nos permite reorientar todas as nossas relações e viver não apenas como filhos de Deus, mas como irmãos responsáveis por nossos irmãos e irmãs.

Dizíamos que SER MÍSTICO É SER CRENTE E ACREDITAR NISSO, mas como podemos viver hoje nossa fé, quais

11 RT nº 178, julho de 1887

12 Mt 5, 8: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5, 8), onde “coração” designa “o centro da alma [...] o todo da pessoa” e a pureza significa “a simplicidade ou a retidão de todo o ser”

são as formas mais eficazes de exercer nosso ser de crentes, como nos ajudar a acreditar que realmente o somos?

a) A ORAÇÃO

A oração, juntamente com a fé, é o outro pilar que vence o mundo e que inflama os corações. E continua sendo uma palavra para todos nós hoje. Porque é a expressão concreta e explícita de nossa atitude de fé na vida: “Estamos” diante Dele e com Ele porque acreditamos.

A oração é a porta para entrar neste castelo que cada um de nós é, ensina-nos Teresa, o caminho privilegiado para vivenciar a presença divina, embora não seja o único, o ato livre pelo qual nos reconhecemos, presentes, Deus e cada um de nós... “aquela que não percebe com quem fala e o que pede e quem é quem pede e a quem, eu não chamo de oração, por mais que mexa os lábios”¹³ ... Podemos falar com Ele como pai, como amigo, como senhor, como irmão, como esposo... Ele se adapta a nós e nos fala com palavras que podemos entender.¹⁴

Teresa nos pede que desejemos e nos dediquemos à oração, não apenas para desfrutar, mas para ter forças para servir. O melhor fruto desse caminho será uma vida como a que viveu seu Filho, porque *“se estiver muito com Ele, como é de se esperar, pouco se deve lembrar de si; toda a sua memória se concentra em como mais O agradar e em que ou por onde demonstrará o amor que Lhe tem”¹⁵.*

Enrique falará da oração como alimento da fé, fundamento da existência, aquilo que nos torna poderosos diante de Deus por meio da intercessão. Almas e mestres da oração, ele nos amou. Vigilantes diante dos “vícios”, que não

não são outra coisa senão desejos e amor, e propósitos confirmados com obras.

Essa relação de amor, esse relacionamento de amizade, requer condições. A primeira? Entrar em contato com nossos desejos, experimentar a sede de uma amizade como essa. E a sede – assim como o desejo – pode crescer ou se extinguir. Pode ser estimulada ou sufocada... Teresa, como mulher que se arrisca na busca que empreende, nos ensina a trilhar esse caminho próprio, nunca antes percorrido por ninguém. E, para isso, teremos que decidir como cultivamos o desejo, quais meios empregamos, quanto tempo dedicamos, quais métodos buscamos, quais companhias nos ajudam a compartilhar melhor os prazeres e os trabalhos desse caminho de oração.

Precisamos recuperar espaços de qualidade, sem pressa, momentos explícitos de solidão e silêncio, onde a pessoa se encontre sozinha e na companhia do Amor compassivo, mas também misterioso, de Deus. No mundo em que vivemos, torna-se imprescindível um tempo de encontro conosco mesmas e de escuta profunda do que acontece ao nosso redor. Espaços onde nossos desejos vão se transformando em amor humilde e servil, como nos diz Francisco em sua carta dirigida ao bispo de Ávila na abertura do Ano Centenário: *“Hoje Teresa nos diz: Reza mais para compreender bem o que acontece ao teu redor e assim agir melhor. A oração vence o pessimismo e gera boas iniciativas. Este é o realismo teresiano, que exige obras em vez de emoções, e amor em vez de sonhos, o realismo do amor humilde diante de um ascetismo ansioso! ... Quando o mundo arde, não se pode perder tempo com assuntos de pouca importância-*

13 1M.1,7
14 Cf. CP 28, 3
15 VII M 4, 6

Que essa santa ânsia de sair a percorrer os caminhos do nosso próprio tempo, com o Evangelho na mão e o Espírito no coração, contagie a todos!

«Já é hora de caminhar!»¹⁶

b) “A FÉ SE TORNA REALIDADE POR MEIO DO AMOR” (Gál 5, 6)

Os místicos sempre insistiram na única e verdadeira orientação da experiência de fé: *“que não, irmãs, o Senhor quer obras... O proveito da alma não está em pensar muito, mas em amar muito... são apenas estas duas coisas que o Senhor nos pede: amor a Sua Majestade e ao próximo, é nisso que devemos trabalhar”*¹⁷. Em outras palavras, a fé exige a passagem de uma mística de olhos fechados para uma mística de olhos abertos. Uma espiritualidade autêntica é aquela que nos faz conhecer o amor pela experiência e nos impele a compartilhá-lo.

Estamos vivendo em uma civilização, fruto do mercado e da competição implacável. Assistimos a um progresso material prodigioso e explosivo, em que se torna difícil falar de solidariedade e fraternidade sem sermos tildados de ingênuos ou loucos. No entanto, figuras do século XX, como Teresa de Calcutá, por exemplo, parecem ter intuído que, sendo a injustiça e o sofrimento dos inocentes o que mais oculta a presença de Deus, somente o amor efetivo às vítimas dessa injustiça pode manifestar sua presença nas circunstâncias atuais do mundo.

Não é possível uma relação mais vital com Jesus sem dar passos em direção a níveis mais elevados de verdade e compromisso com a realidade. Quanto mais nos aproximarmos

a Ele, melhor veremos nossas incoerências e desvios, o que há de verdade ou de mentira em nosso cristianismo; o que há de pecado em nossos corações e estruturas, em nossas vidas e teologias.

O desafio que temos pela frente é imenso: saímos às ruas, estabelecemos uma relação de solidariedade com os pobres e, em comunhão com eles, desfrutamos do banquete e da festa, pois estamos juntos e finalmente realizamos o milagre da inclusão social tão almejada por muitos!

E para realizar esse sonho, precisamos, mais do que nunca, recuperar a fé no poder do amor e nos gestos de fraternidade solidária que devolvem sentido à existência humana e à própria espiritualidade.

“Progresso” não significa acelerar, competir, enganar, invadir, agredir o planeta, consumir porque é preciso vender, mesmo que isso destrua a verdadeira felicidade do ser humano. O desenvolvimento dos povos não pode ir contra a vida humana, mas a favor do amor, das relações de paz e cooperação, da família, dos amigos e de possuir o essencial para ser feliz. É preciso, portanto, resgatar a fé no compromisso com um autêntico desenvolvimento da humanidade ali onde estamos nós, teresianos, e isso significa estar conscientes de quais são os valores que ajudam a criar um mundo melhor e quais não, e concretizar nossas respostas. E fazê-lo com **ousadia**, outra “palavra” da herança teresiana¹⁸, transmitida por Henrique de forma quase provocativa¹⁹ e sábia.

16 Carta ao Bispo de Ávila na abertura do Ano Centenário (15/10/2014)

17 VII M 4 e F 5

18 Carta a Lorenzo 1561, 2: *“por muitas razões e causas das quais não pude fugir, por serem inspirações de Deus.../... só digo que, na opinião de pessoas santas e letradas, sinto-me obrigada a não ser covarde, mas a colocar tudo o que puder na obra...”*

19 Revista Teresiana. Nº 177, junho de 1887: *“Os corações pusilânimes ou tímidos, os corações pequenos ou apertados, que só querem se mostrar caçando lagartixas, ou andando a passos de sapo ou de galinha travada, pelo caminho do céu,*

Diante de muitas outras formas de espiritualidade, devemos reivindicar um caminho espiritual que una o processo de interiorização ao compromisso social e com os mais empobrecidos e excluídos da nossa sociedade; um processo no qual a fé e o amor²⁰ assumem um protagonismo único em relação ao que é “razoável e sensato”²¹.

c) A MÍSTICA DA VIDA COTIDIANA,
outra forma de vivenciar a fé

Toda pessoa é um ser habitado em seu coração por um Mistério maior do que ela mesma²². Na escola de Henrique e Teresa, aprendemos que qualquer espaço humano, desde o privado e íntimo até o público e social da praça, pode se tornar um lugar simbólico da presença-ausência de Deus e paradigmático do encontro com Ele. Qualquer momento ou acontecimento histórico é possibilidade e mediação da experiência de Deus. Cada pessoa realiza a experiência de Deus de acordo com sua situação histórica e individual, lembra-nos K. Ranher. Basta admiti-la e desenterrá-la entre os escombros de suas tarefas diárias, acolhendo simplesmente

que também “*entre as panelas anda o Senhor*”²³. É preciso não fugir dessa experiência inesperada, onde quer que ela se faça presente, sem barulho e sem aviso prévio, e acolher com humildade os rastros da autocomunicação absoluta e radical de Deus em nossa própria história.

Em suma, fazemos experiência Dele quando vivemos com fé o que vivemos: rir, chorar, trabalhar, comer, ter filhos, perdoar, acolher a doença e a morte, etc. E nossa vida pode tornar-se um contínuo e silencioso “seja feita a tua vontade”, um incessante “venha a nós o teu reino”, não pronunciado, nem pensado, mas vivido. Assim compreendemos a mística do dia a dia, como uma busca de Deus em todas as coisas. Aí está a sóbria embriaguez do Espírito de que falam os Padres da Igreja e nossos místicos.

A experiência de Deus, centro da espiritualidade cristã e teresiana, pode e deve ser vivida, portanto, no cotidiano²⁴. Ela não ocorre à margem dessas realidades. Sua autenticidade se joga nelas e nos faz permanecer atentos

Vão para casa e vivam entre o pó e as teias de aranha do esquecimento, retirados no quartel da ignomínia dos covardes. Meus companheiros de armas devem ser todos almas verdadeiras, espíritos corajosos e valentes, como nobres cavaleiros que defendem a maior honra de nosso Rei Cristo Jesus por todo o mundo.”

20 MeditCant 3:3: “Assim, aqui — como já disse — atuam o amor e a fé, e a alma não quer aproveitar o que o entendimento lhe ensina, porque essa união que existe entre o Esposo e a Esposa lhe ensinou outras coisas que ele não alcança e as coloca sob seus pés”

21 Organic. 2:14: “Que, portanto, aqueles que devem ser os líderes desta organização católica não sejam pessoas de grande perspicácia, pois tais indivíduos, baseando-se apenas, ou excessivamente, em razões de prudência humana, raramente fazem algo que contribua para a honra divina.”

22 H. van Balthasar

23 F 5, 8

24 F. Javier Vitoria, Não há “território comanche” para Deus, Ed. HOAC: “Quatro dimensões universais do ser humano: a estética, a ética, a interioridade e a inter-relacionalidade constituem os espaços não confessionais onde qualquer pessoa pode mergulhar na experiência de Deus. Esse acesso ao mistério de Deus pode ocorrer quando captamos no mundo e em nós mesmos um ‘plus’ de realidade. Às vezes, essa experiência é guiada pela admiração e pelo espanto provocados pelo (ou pela sedução do) excesso de beleza, bondade, verdade e alegria das coisas, que, por analogia ou semelhança, nos revelam a identidade última dessa ‘presença’ como a de Deus que se aproxima. Outras vezes, pela indignação e pelo sofrimento provocados pelo excesso de horror, maldade, mentira e sofrimento produzidos pelos poderes opressores da injustiça; são as “experiências de contraste”, como as chamou E. Schillebeeckx, que dialeticamente nos revelam a presença do Deus que sempre parece se esconder ou se ausentar na negatividade da realidade. Mas sempre, sempre que isso ocorre, acontece “nas, com e sob” as experiências humanas cotidianas deste mundo. Somente assim nós, seres humanos, podemos perceber algo mais profundo que trasluce na realidade e que revela o Mistério que nela reside: um Deus que incansavelmente busca encontrar-se com os homens e as mulheres para torná-los participantes de sua Vida. O que nós, seres humanos, percebemos na experiência de Deus não é Deus mesmo, mas nosso mundo e a nós mesmos à luz dessa experiência”

aos sinais da presença amorosa manifestada em tantos irmãos e irmãs e, de maneira especial, nas vítimas da história atual, no sofrimento dos pobres e no obscurecimento de Deus que essa visão acarreta.²⁵

1. A grande dignidade e beleza da alma: Visão de fé do ser humano e do mundo e a paixão pela verdade e pelo discernimento

“O mundo, minhas irmãs em Jesus Cristo, está envelhecendo,... mas Deus, nosso Senhor, que não deseja a morte do pecador, mas que ele se converta e viva; Deus, que tornou as nações curáveis, deixou em seu seio germes de vida e restauração”²⁶

“... não há motivo para nos cansarmos em querer compreender a beleza deste castelo; pois, uma vez que existe a diferença entre ele e Deus, tal como entre o Criador e a criatura, já que ele é criatura, basta dizer que Sua Majestade é feita à sua imagem para que mal possamos compreender a grande dignidade e beleza da alma”²⁷

O olhar de Teresa e Henrique não era superficial. Teresa sofre com a divisão de sua Igreja²⁸, as guerras por causa da fé, o esbanjamento, a mentira social que se vive ao colocar a honra e a dignidade das pessoas onde elas não estão...

É na contemplação de seu povo e de sua Igreja, que constituem seu mundo, que Deus chama seu sacerdote para torná-lo profeta. Henrique, como um novo-

Como Jeremias, ele transforma sua vida em um clamor cheio de esperança e ação: *“O que aconteceu com a Espanha? O que lhe acontecerá se ela não se converter?”*... Unida à vocação profética, surge a oração sacerdotal de Henrique, que é a oração de intercessão. Ele escreve, colocando na boca de Teresa de Jesus, as mais fervorosas súplicas em favor de sua pátria, pois as necessidades da Espanha são *interesses de Jesus*: *“Ó Senhor Jesus! Meu Esposo e meu Amado! Lembra-te de que um dia me prometeste que me concederias tudo o que eu te pedisse. A ti venho, pois, neste dia, pedindo-te que cumpras a tua palavra e dês paz à minha Espanha. Meus olhos se derretem em choro contínuo... As muitas lágrimas que derramei pelos desastres de todos os meus filhos espanhóis consumiram em mim todo o espírito vital... ao ver a ruína e a tribulação dos filhos do meu povo”²⁹*. E essa maneira de encarar a realidade a impele a dar respostas eficazes e radicais que vão diretamente às causas.

De ambos recebemos o convite para vivermos presentes no mundo e conscientes de tudo o que está acontecendo ao nosso redor. Deles herdamos uma maneira de olhar para a pessoa, para a sociedade e para o mundo, que se torna profunda, compassiva, profética e contemplativa. Por meio deles, conhecemos um Deus comovido por seus filhos e filhas e totalmente a serviço deles.

O olhar para qualquer realidade pode ser transformador quando se mantém em contato com o Jesus do Evangelho³⁰ e é capaz de

25 G. Gutiérrez, Beber en su propio pozo, Sígueme, Salamanca, 1984: *“A partir de Mt 25, compreendeu-se que o encontro com o pobre é um passo obrigatório para o encontro com o próprio Cristo. Mas, ao mesmo tempo, esse encontro torna mais profunda e autêntica nossa solidariedade com o pobre”. Consequentemente, ambas as linguagens, a profética e a contemplativa, são necessárias; mas o são na medida em que se entrelaçam e vão se tornando uma só”*.

26 Revista Teresiana 14, novembro de 1873

27 I M 1, 1

28 CP 1,3; 3, 1...

29 Revista Teresiana, agosto de 1876, 303-304

30 V 40, 1-3. O encontro com a Verdade Suprema por meio da Escritura reorienta toda a forma de olhar e compreender a vida em Teresa de Jesus: *“nova reverência a Deus... desejo de não falar senão coisas muito verdadeiras... ternura e alegria e*

descobrir *as brasas acesas* sob o manto de miséria e pecado que as esconde... Uma maneira de olhar assim dignifica, aposta, devolve a confiança, diante da incerteza, insegurança e vulnerabilidade que afligem a pessoa e a sociedade de nosso tempo.

Para que esse olhar não seja ingênuo ou manipulado, nos é pedido que as diferentes situações atuais sejam reconhecidas, analisadas e interpretadas³¹. Viver na verdade e ser fiel à realidade do que ocorre requer informações verdadeiras e um estudo sistemático para captar os sinais do Reino, mas também os sinais do anti-Reino³² que clamam e indignam muitas pessoas de boa vontade. Aprimoremos nosso olhar com estudo e diálogos, com solidão e silêncio orante, para DISCERNIR o que podemos e devemos potenciar, ou o que é preciso rejeitar e combater.

Não basta apenas olhar bem, mas permitir que em nosso interior irrompa uma guerra³³ que não nos deixe indiferentes por dentro nem rendidos diante da sensação de impotência e opressão diante das dimensões do mal.

Diante da centralidade e da importância quase exclusiva do exterior, do imediato, do visível, do rápido, do superficial e do provisório, assumimos o compromisso de discernir o que significa para o mundo teresiano reconhecer a grande dignidade e beleza da alma diante dos rostos da escravidão e da subjugação do homem pelo homem, de todos os

tempos, como nos lembra o Papa Francisco: trabalhadores, pessoas obrigadas a exercer a prostituição, crianças e adultos vítimas do tráfico e da comercialização para a extração de órgãos, ou recrutados para a guerra e a mendicância, produção e venda de drogas, ou formas encobertas de adoção internacional; sequestrados ou em cativeiro por grupos terroristas...³⁴

A proposta teresiana traz uma palavra que restaura a dignidade em cada ser humano, começando por nós mesmos. Em nossa Família Teresiana, é muito possível que alguns se sintam atraídos por esta missão e dediquem esforços a construir pontes com o mundo da cultura geradora de pensamento e avanços científicos e tecnológicos, com os criadores e as pessoas que difundem opiniões, informações, análises... para apresentar uma visão do ser humano iluminada por esta experiência de Deus.

Diante das imagens distorcidas por interesses econômicos, de muitos grupos de pessoas: migrantes e estrangeiros, excluídos e marginalizados, mulheres vítimas de tráfico ou de maus-tratos, ou simplesmente donas de casa ou trabalhadoras, jovens em situação de risco, adolescentes e crianças abandonadas, desorientadas ou exploradas, a família... temos o compromisso de oferecer em nossos ambientes educacionais, escolas de oração, grupos de MTA, comunidades religiosas, etc., o outro lado que nossa sociedade, cega por tentar encobrir

humildade...

31 Carta a Gracián, fevereiro de 1581: "Temos de olhar para os tempos que virão..."

32 Mensagem do Papa Francisco de 1º de janeiro de 2015

33 MC 2,12: "Nunca deixem passar uma palavra sem que isso provoque uma guerra em seu interior, o que se faz com facilidade se tiverem o hábito"

34 Mensagem do Papa Francisco de 1º de janeiro de 2015

necessidades pessoais ou partidárias, recusa-se a reconhecer.

Não basta belos discursos sobre a grande dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Acredito humildemente que a “visão de fé”, sustentada por uma relação com o Jesus do Evangelho, deveria nos levar a desejar e buscar o encontro real e o compromisso concreto com cada um desses sujeitos que, certamente, não poderão nos pagar³⁵, como nos salienta o Evangelho de São Lucas, mas aos quais, por meio de ações pequenas ou grandes em favor de sua dignidade, estaremos dizendo que são um lugar teológico para nós, que importam e que, sem eles, nossa experiência de Deus se esvazia e perde sentido e densidade.

Não podemos dormir porque não há paz na terra. É hora de despertar e redimensionar toda a realidade a partir de nossos sentidos. A visão deve incendiar nossos corações e, com todos os nossos sentidos a serviço do evangelho, deve mobilizar nossos pés e nossas mãos, como fez com esses dois místicos que viveram em fidelidade ao real.³⁶

2. **Amigos fortes de Deus e de nossos irmãos: a esperança em um mundo fraterno e não de escravos**³⁷

“Busquem a amizade e o convívio com outras pessoas que tenham os mesmos objetivos. Isso é extremamente importante, mesmo que seja apenas para se ajudarem mutuamente com suas orações; quanto mais, considerando que há

muitos outros benefícios! E não sei por que (...) não se deve permitir que quem realmente começa a amar a Deus e a servi-Lo deixe de compartilhar com algumas pessoas seus prazeres e trabalhos, pois quem tem oração tem tudo.”³⁸

*“Ninguém nasce perfeito neste mundo, e é necessário que aqueles que nos olham com amor e cuidado, a fim de nos ajudar, nos desiludam e nos digam em que devemos corrigir-nos, o que devemos procurar para sermos como o Senhor deseja.”³⁹ ... A Irmandade Teresiana será o **laço de união** de tantos corações que buscam um ponto em comum para se animarem e trabalharem com ardor. Será o **centro** de todas as nobres aspirações de todas as almas que anseiam por fazer algo em benefício de seus irmãos...⁴⁰*

Nossas sociedades sofrem uma forte crise no tecido social e em seu compromisso de regenerá-lo. O conceito de comunidade e família está deteriorado ou corroído por interesses obscuros, políticos e econômicos. São oferecidas soluções que também não nos convencem, pois propõem um modo de vida que se fecha e se defende dos outros, erguendo muros, fechando fronteiras, justificando guerras e expulsões, ou anexações interessadas... Desenvolve-se uma consciência isolada e um sentido de autorreferencialidade que gera uma economia de exclusão e desigualdade, com graves desequilíbrios sociais... E ao lado disso

35 Lc 14, 10

36 Fidelidade ao real, Projeto formativo, p. 42; PET p. 92-94: Educamos educando-nos (abrir os olhos,...)

37 Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração da XLVIII Jornada Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2015, “Não escravos, mas irmãos”

38 V 7,22

39 Organicémonos 2, 11

40 Revista Teresiana n.º 64, janeiro de 1878

surgem movimentos solidários de pessoas que se apoiam e se tornam espaldas umas para as outras para construir “outro mundo melhor e possível”, propondo estilos de vida fraternos, em conversão, alternativos.

Em meio a essas circunstâncias, a palavra AMIZADE que herdamos de nossos mestres ressoa com autoridade e se enche de novo conteúdo, globalizando a fraternidade diante da indiferença e da submissão das pessoas. Ela tem suas raízes na rocha firme do amor-amizade forte de Deus. Com essa palavra, destacamos a dimensão comunitária da fé. Passando muitos momentos a sós com o Amigo, interiorizamos uma maneira de viver a fé em companhia, à mesa compartilhada, na amizade.

Se esta palavra é uma herança para toda a nossa Família Teresiana, devemos dar-lhe profundidade e consistência, além de criatividade e amplitude. Destacarei três aspectos que a caracterizam:

- ✓ A amizade aquece o coração e o transforma em um coração de carne, que se alegra e sofre, padece e se entristece, ri e se expande à medida que aprende a amar.
- ✓ A amizade nos permite compartilhar a intimidade, aquilo que constitui o núcleo essencial de nossa pessoa, o que é importante, o que se passa por dentro, o que orienta e dá sentido à vida.
- ✓ A amizade se compromete com os laços que cria, cuida e acompanha a

vida dos amigos e é expansiva e contagiante.

Hoje sinto que esta palavra se dirige às comunidades cristãs da MTA, à Companhia de Santa Teresa, às famílias e comunidades educativas e irmãs da Companhia em todo o mundo, às associações criadas com um cunho teresiano... É esse o estilo que deve nos acompanhar em nosso empenho por alargar o reino. Não nos apresentamos como juízes, nem como mestres, mas como amigos e amigas entre nós e do verdadeiro Amigo⁴¹.

S. Henrique acredita tanto na força poderosa dessa união dos corações, que fará o possível, em tudo o que empreender, para colocar em contato corações que batem com o mesmo impulso⁴².

Neste século XXI, somos muitos os que precisamos aprender a viver sob o signo da AMIZADE para sustentar os sonhos compartilhados, para gerar conversas transformadoras, para fortalecer os corações. Não nos atralhemos na hora de fazer o bem, pois todos somos necessários. Vivamos nossas relações com esse tom teresiano da amizade, que nos resgata de viver enganados, que nos ilumina em nossas trevas e nos sustenta no desejo de humanizar a vida. A adesão explícita a esse modo “amigável” de viver a fé será o que irá gestar a verdadeira Família Teresiana.

Mas a palavra AMIZADE deve nos levar além de nossas próprias fronteiras. Seu alcance universal nos con-

41 CP 4, 7

42 Revista Teresiana, n.º 60, setembro de 1877: “*Eles têm uma vantagem imensa (referindo-se à peregrinação convocada para celebrar o terceiro centenário da morte de Teresa), que é a de colocar em contato corações que batem com os mesmos impulsos, que amam, que sentem e desejam a mesma coisa, que é dar a conhecer Jesus, zelar por sua maior glória e pelos seus divinos interesses por meio de Teresa de Jesus. E com esse contato de corações generosos, pois não podem ser verdadeiros devotos da grande Teresa se não sentirem arder em seu peito a centelha do zelo pela maior honra de Jesus, o zelo se aviva, a chama da caridade adquire proporções imensas, e somente Deus pode calcular os bens imensos que podem brotar*”

nos levará a descobrir que nossa maior missão é a de SERMOS IRMÃOS E AMIGOS de todos. A partir daí, ouvimos um convite para passar da competitividade à cooperação, para reforçar as estruturas de solidariedade comunitária, para inventar e explorar novas formas e estruturas de vida em REDE, incluindo a familiar. Amigos também da terra que nos acolhe e comprometidos em cuidar dela, em garantir a vida para as gerações futuras e em defender a equidade de gênero como forma de restabelecer as relações humanas em favor do futuro e da generatividade.

Amizade e encontro são duas palavras poderosas que nos tornam corresponsáveis na construção de sociedades fundadas em princípios éticos, solidários, inclusivos, democráticos e plurais⁴³.

Também devemos aprofundar o sentido da AMIZADE a partir de uma perspectiva eclesial. Considero que, para um teresiano, essa vivência implica a realização do seguimento de Jesus em comunidade, com outros irmãos e amigos no Senhor da Igreja local, convocados pela mesma fé. Significa viver o compromisso ativo de participar da Igreja em suas circunstâncias reais, e buscar e realizar com ela novas estruturas que possibilitem a vida, a igualdade na diversidade de ministérios e a transmissão da fé na comunidade de crentes e além de seus limites. É tempo de caminhar construindo uma nova eclesialidade, em fraternidade, verdade e liberdade. Desejamos morrer como filhos fiéis depois de termos nos arriscado a viver em fidelidade a Deus, à humanidade e a nós mesmos.

A presença de outras tradições religiosas em nossas cidades e vilas nos compromete a estabelecer um diálogo entre religiões em sociedades multirreligiosas, a fim de configurar uma cidadania comum e impulsionar iniciativas de justiça e paz.

À luz de nossos mestres, aprendemos que o segredo para tornar possível esse modo de “amizade” o encontramos na chave teresiana de nos DISPONIBILIZARMOS para deixar o Senhor agir, neste caso, para que Ele realize conosco a Família humana, a Igreja local, as comunidades cristãs, exatamente como Ele sonha. Cabe a cada um de nós identificar a barreira-fronteira-limite — mental, ideológica, cultural, social... — que nos separa dos outros, começando pelos mais próximos, as pessoas com quem vivo, trabalho ou estudo. E, depois, deixar o AMOR agir.

3. **O itinerário teresiano: um caminho de liberdade**

Se há uma palavra que atrai e encanta o ser humano, é a palavra liberdade. É justo que nossa Família Teresiana acolha essa palavra como um dos melhores presentes da herança teresiana.

Tanto Henrique quanto Teresa nos incentivam a viver escolhendo a vida, a nos levantarmos e a assumirmos, cada um, a responsabilidade histórica que lhe cabe⁴⁴. A palavra liberdade hoje nos fala de um dom imenso que Deus concede à pessoa em sua comunicação divina e de uma missão ineludível, que é a de usar nosso poder para mudar o rumo da história, da Igreja, dos povos submetidos ao domínio dos poderosos e até mesmo de nós mesmos.

43 PET, p. 63-65
44 F 4, 6

Somente a partir desse dom precioso da liberdade pode ocorrer o nascimento do apóstolo e do profeta para estes tempos. Para fazer ouvir essas vozes pelo mundo com o sabor do Evangelho, que Teresa de Jesus ansiava, é preciso sintonizar-se com a voz que ressoa por dentro e com as vozes que clamam por fora, mas, mais ainda, é essencial que o evangelizador se veja liberto de si mesmo, de seus medos e indecisões, de sua preguiça ou de sentimentos de inutilidade ou pobreza, de pretensões e falsas ambições. O apóstolo é convidado a trilhar um caminho de gratuidade que só se percorre pela mão da liberdade.⁴⁵

São Henrique, em cada um de seus apelos, nos encoraja a decidir, a colocar em jogo nossa liberdade, a desejar com determinação, a assumir com responsabilidade a missão de concretizar os desejos que a experiência de Deus desperta no coração: *“Sois vós que deveis decidir e sentenciar, sem direito a recurso, se a família e o indivíduo, e, conseqüentemente, se toda a sociedade, devem pertencer a Jesus Cristo ou a Lúcifer; a Deus ou ao demônio: se adorarão a virtude ou se entregarão ao vício...”*⁴⁶ *“Apenas uma condição é exigida para saber manejar com destreza essas armas que todos temos à mão, e é: querer. Sim, querendo-se vence, querendo-se o mais fraco torna-se herói, e na batalha só são vencidos aqueles que querem, e só vencem aqueles que também querem”*⁴⁷.

Quando Teresa escreve sobre o que significou para ela trilhar este caminho do Espírito, ela o resume como

um caminho de liberdade: *“Bendito seja Deus para sempre, que num instante me deu a liberdade que eu, com todos os esforços que fiz durante muitos anos, não consegui alcançar por mim mesma.”*⁴⁸

E isso é uma ótima notícia para todos nós hoje. Pois a experiência da comunicação com Deus é experimentar o amor, mas também a Verdade que dá sentido a tudo, cura a cegueira e liberta do medo. Teresa nos fala de uma experiência libertadora que lhe permite lidar com seu próprio mundo interior de sentimentos, paixões e emaranhados... liberdade para lidar com amigos e inimigos, pessoas agradáveis ou desagradáveis... liberdade diante de perseguições ou contradições e liberdade diante do medo de sofrer que todos sentimos por nossa condição humana.

Após uma longa jornada pelos labirintos do desejo, Teresa descreve admiravelmente na Terceira Conta de Consciência, estando em Ávila no ano de 1563⁴⁹, o processo de liberdade que experimenta em si mesma como fruto do itinerário vivido:

...“Parece-me ter recebido de novo - pelo que entendo - muito mais liberdade. Até agora, parecia-me que precisava dos outros e confiava mais nas ajudas do mundo; agora compreendo claramente que todos são como ramos de alecrim seco e que, ao agarrar-me a eles, não há segurança, pois, ao enfrentar algum peso de contradições ou murmúrios, eles se quebram. E assim tenho experiência

45 Vida 30:21: *“Louve muito ao Senhor a alma que chegou até aqui e lhe dá forças corporais para fazer penitência, ou lhe deu letras e talentos e liberdade para pregar e confessar e levar almas a Deus; que não sabe nem compreende o bem que possui, se não passou pela experiência de saber o que é não poder fazer nada a serviço do Senhor e receber sempre muito. Que seja abençoada por tudo e que os anjos lhe dêem glória”*

46 Revista Teresiana 14, novembro de 1873

47 Revista Teresiana. Nº 177, junho de 1887

48 Vida 24:8

49 Cartas Conciliares 3ª

que o verdadeiro remédio para não cair é agarrar-nos à cruz e confiar naquele que nela se colocou. Encontro nela um verdadeiro amigo e, com isso, sinto uma força que me parece capaz de resistir a todo o mundo que fosse contra mim, desde que Deus não me falte... costumava gostar muito que me quisessem bem, e agora isso já não me diz nada; antes, parece-me que, em parte, me cansa... Em meio às grandes provações, perseguições e contradições que enfrentei nestes meses, Deus me deu grande ânimo; e quanto maiores eram, maior era o ânimo, sem que me cansasse de sofrer. E com as pessoas que falavam mal de mim, não só não me sentia mal com elas, como me parece que voltava a sentir amor por elas...

No nº 4 da mesma relação, ouvimos como ela foi se libertando da força do desejo que também a tornou escrava em não poucas ocasiões. E sentir-se livre já não tem a ver com a realização de seus desejos, mas com os de Deus. Sua esperança e sua confiança estão em outro lugar: *“Por natureza, quando desejo uma coisa, sou impetuosa em desejá-la. Agora meus desejos fluem com tanta tranquilidade que, quando os vejo realizados, ainda não sei se me alegro, se sinto pesar ou prazer; se não for em coisas de oração, tudo fica moderado, e pareço tola; e assim fico por alguns dias”*

No n.º 7, ela descreve uma liberdade de sair de si mesma para sofrer e interceder pelas verdadeiras necessidades do mundo: *“Sinto em mim um desejo imenso, maior do que o habitual, de que Deus tenha pessoas que, com total desapego, O sirvam e que não se detenham em nada do que há aqui, especialmente os letrados; pois, ao ver as grandes necessidades da Igreja, estas me afligem tanto*

que me parece uma zombaria ter pena de outra coisa...”

Liberdade para se conhecer em sua verdade mais radical sem que isso a paralisasse, liberdade para viver a partir de seu ser de mulher, tal como era em cada etapa de sua vida, e liberdade para saber a Quem pertence e em Quem centra seus desejos, suas lutas, suas decisões e toda a sua vida: *“Chegam dias em que me lembro infinitas vezes do que diz São Paulo — embora certamente não seja assim em mim —, que nem me pareço viva, nem falo, nem tenho vontade, mas que está em mim quem me governa e me dá força, e ando como se estivesse quase fora de mim; e assim a vida me causa uma pena grandíssima. E a maior coisa que ofereço a Deus como grande serviço é que, por ser tão penoso para mim estar separada Dele, por amor a Ele quero viver...”¹⁵⁰*

Nós, teresianos de Enrique de Ossó, sempre nos familiarizamos com a força dos desejos, dos sonhos, da utopia, de tudo aquilo que nos faz transcender o limite de criaturas e nos coloca em movimento de saída, de dignificação e de comunhão com os outros e as outras. Mas, ao mesmo tempo, recebemos de nossos mestres a tarefa de nos treinar para desfrutar dessa liberdade e desejar à maneira de Jesus, sintonizar-nos com seus sonhos, contagiar-nos de sua paixão e unir nossa vontade à dele. Nesse processo, familiarizamo-nos com palavras como determinação firme, permanecer, escolher, render-se, consentir... E assim, de nascimento em nascimento, percorremos o caminho da liberdade: libertos do próprio eu, passamos do mundo das necessidades e de viver a partir do próprio “desejo e interesse” para a união de nossa vontade com a de Deus. Passamos de “ser amigos” para viver em “aliança de amor” com Deus e com seu

povo, cuidando das coisas Dele e confiantes de que Ele cuida bem das nossas.

*“O Senhor o recompensou bem, pois, sem saber como, ele alcançou aquela liberdade de espírito tão preciosa e desejada que os perfeitos possuem, onde se encontra toda a felicidade que se pode desejar nesta vida; pois, não desejando nada, eles possuem tudo. Não temem nem desejam nada da terra, nem os trabalhos os perturbam, nem as alegrias os agitam; enfim, ninguém pode tirar-lhes a paz, porque esta depende somente de Deus. E como ninguém pode tirá-la Dele, apenas o medo de perdê-Lo pode causar-lhe tristeza, pois tudo o mais deste mundo é, na sua opinião, como se não existisse, porque nem a faz nem a desfaz para o seu contentamento.”*⁵¹

Não hesitamos em afirmar que isto continua sendo uma Boa Nova para a Família Teresiana e para todos aqueles que percorrem os caminhos da evangelização, da busca de si mesmos, da verdade e da liberdade. Celebremos!

4. As obras teresianas do século XXI: Operacionalizar e concretizar hoje a fé e a experiência de Teresa de Jesus

... “No meio do mundo...”, “com a vida querer servir em algo a quem tanto vê que deve...”

O zelo apostólico de Teresa tem uma raiz que se chama AMOR e GRATIDÃO: *“Por outro lado, ela gostaria de se colocar no meio do mundo, para ver se poderia contribuir para que uma alma louvasse mais a Deus; e, sendo mulher, aflige-se com o apego que lhe impõe sua natureza, porque não pode fazer isso, e tem grande inveja daqueles que têm liberdade para clamar*

*anunciando quem é este grande Deus das Cavalarias.”*⁵²

O zelo apostólico de Henrique se alimenta do mesmo amor e gratidão, mas conta também com uma aliada inigualável, TERESA DE JESUS, A NOVA DÉBORA:

“Vimos que a missão de Santa Teresa de Jesus neste mundo foi de combate, de conquistadora... derramando o próprio sangue pelo bem de seus irmãos... E vendo-se mulher e fraca, como ela escreve, com mil amarras que não a deixavam voar para onde seu zelo a impulsionava, que era converter o mundo e salvar todas as almas para seu Esposo, chamou ao seu lado todas as almas reais que pôde, instruiu-as no manejo das armas espirituais da oração e da penitência, e, colocando-se à frente desse punhado de valentes, fez mais pela Igreja do que muitos outros célebres oradores, letrados e religiosos; porque soube amar, orar e sofrer mais do que eles.

Os santos nunca morrem... Suas obras e seu espírito vivem em sua família e, da glória do céu, velam com carinho paternal pelos filhos que deixaram aqui. Há três séculos que Teresa de Jesus está na glória... Há três séculos que esta nova Débora fundou um exército de valentes e, apesar de sua ausência, continua sua marcha gloriosa e triunfal por este deserto da vida, animada pelo mesmo espírito e fortaleza que lhe foram conferidos por sua Mãe e Capitã invencível.

Que, seguindo as pegadas de tão ilustre heroína, possamos sempre lutar sob sua bandeira invencível e gloriosa

bandeira, para acompanhá-la em seu eterno triunfo na glória! Como alcançar tão grande prêmio? *Acreditando, esperando, amando, orando e agindo como Teresa, pois ninguém será coroado a não ser aquele que lutar virilmente até o fim.*⁵³

Nas ESTRATÉGIAS do século XIX, ela nos oferece uma chave essencial: manter o espírito vivo e ardente em toda ORGANIZAÇÃO...:

*“... Ao se tratar de organizar, ordenar e edificar, não se deve negligenciar o que mais eficazmente contribui para manter a união neste organismo; o que une as pedras para erguer o edifício... A vida dessas obras deve ser a vida de Deus; o espírito que as anima deve ser o de Jesus Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida, e que veio a este mundo para que todos nós a tivéssemos em abundância... Além disso, para perseverar na prática dessas obras de zelo, é necessário continuamente muito espírito de sacrifício: sacrifício de comodidades, de tempo, de interesses materiais às vezes, e, o que é mais importante, do próprio julgamento e da própria vontade. E isso, sem pedir todos os dias na oração, não se alcança; sem a meditação séria e contínua das grandes verdades da fé não se pode possuir... E, como observa nossa sabíssima doutora Teresa de Jesus, o demônio não deixará de fazer guerra às grandes obras...”*⁵⁴

A pluralidade de situações, gritos e reclamações, nos diferentes contextos, torna difícil detalhar e concretizar as novas

Não se trata de estratégias apostólicas ou respostas organizadas que o carisma teresiano de Henrique de Ossó poderia oferecer hoje. Mas é possível resgatar alguns aspectos que mantiveram vivo e ardente o espírito daquelas “obras teresianas do século XIX” e que podem ser uma palavra revitalizadora para as “obras teresianas do século XXI”.

- À luz da admiração que Teresa desperta em Enrique por sua grande coerência ao propor uma alternativa aos males de seu tempo⁵⁵, renova-se em mim a certeza de que, para um teresiano/a, é ineludível começar a experimentar a mudança proposta nas estratégias apostólicas que inicia. A criatividade, a liderança, as propostas nascem de uma experiência pessoal que tem o poder de nos transformar e humanizar, a nós os primeiros.
- Divulgar e acompanhar a fé e a relação com Jesus: Em diálogo com o mundo atual, renova-se em mim o compromisso de aproximar e tornar acessível a experiência de Deus para TODOS. Aproveitar as buscas por segurança e sentido, a sede de justiça e de paz verdadeira, a necessidade das pessoas simples de acreditar e confiar. Utilizar os meios de comunicação e informação ao nosso alcance e as novas tecnologias para divulgar experiências, formas de orar, interpretações da realidade que abram os olhos e o coração. Dar profundidade e densidade à mensagem da salvação, unindo a relação afetiva com Deus e a dimensão ética da fé. Não somos “espirituais de elite”, não falamos para os perfeitos, nem para os privilegiados. Tudo

53 Revista Teresiana. Nº 179 Agosto de 1887

54 Organizemo-nos 3:8–10

55 Revista Teresiana, n.º 174, março de 1887

o que dissemos até aqui é patrimônio da humanidade, assim como Teresa de Jesus o é, e nos é confiado para que os simples e os humildes possam desfrutar e se alegrar.

- Que todos conheçam e se familiarizem com a vida e os escritos de Teresa de Jesus, que a descubram como orante, mas também como viajante e fundadora, como escritora e como mulher real, com uma enorme sede de verdade, de amor verdadeiro, de justiça e de liberdade. Que a conheçam não tanto para admirá-la, mas para seguir seus passos e aprender com ela a viver esta vida, para senti-la como companheira de caminhos pouco transitados, para nos lançarmos na aventura do Espírito com a autenticidade que a caracterizou.⁵⁶
- Renovo minha confiança em uma EDUCAÇÃO TERESIANA que busca a transformação social em todas as suas formas. A urgência de lutar por uma mudança cultural, e não apenas de estruturas, que nos liberte da submissão cega à economia e ao mercado, e nos comprometa como cidadãos críticos, ativos e transformadores; a crise do projeto humano e dos valores éticos, a grande necessidade de construir com outras pessoas uma proposta ética universal que nos permita avançar

no processo de humanização e nos ajude a chegar a um consenso sobre medidas sociais, econômicas, morais... em nossas sociedades, faz com que hoje pensemos na educação — sistemática ou alternativa, profissional, ou entendida como acompanhamento de processos que ajudem a pessoa a orientar sua vida, suas capacidades e opções a serviço do bem comum — como um dos fatores de mudança mais importantes que temos em nossas mãos.

Para isso, precisamos desenvolver uma capacidade de autocrítica institucional, e não apenas pessoal, para não cairmos em uma abordagem ideológica sobre a educação transformadora. Convido os teresianos do mundo a desenvolver essa paixão pela verdade e o compromisso de “desiludir-nos uns aos outros dizendo verdades”, o que compromete nossas instituições a fazerem um questionamento sério e profundo sobre suas propostas, métodos e concretizações, para que sejam mediadoras de verdadeiras mudanças.

A ESCOLA terá de se afirmar como um dos espaços vitais para a formação para a vida. “Saber conviver com os outros”⁵⁷, apela à ética

56 Colóquio com Juan Mayorga, diretor da peça teatral “La lengua en pedazos”: *“Teresa é uma pessoa extraordinária... Às vezes digo que Teresa é uma pura-sangue, é uma personagem que está em uma questão de vida ou morte em cada palavra, em cada ato, em cada gesto. É uma mulher cheia de vida, cheia de amor, cheia de preocupação pelo outro. E, provavelmente, também uma mulher atormentada pela dúvida, não é? Nesse sentido, ela interessa a qualquer pessoa. Não me surpreende que alguém que não seja crente se interesse por TERESA”*

57 Aprender a conviver, eixo do debate “Educar em um mundo em mudança” UNESCO-WISE em Doha – Diretor-Geral dirigindo-se ao Painel WISE-UNESCO sobre Educação em um Mundo em Mudança, 31 de outubro.

Em seu apelo por uma mudança de paradigma no desenvolvimento, a Diretora-Geral da UNESCO, Irina Bokova, afirmou em Doha (Catar) que “temos que repensar os fundamentos da educação para os novos tempos, reforçar os direitos humanos, aprofundar o respeito e a compreensão mútua, para podermos responder a um mundo em mudança”. Bokova participou da sessão de abertura da mesa redonda coorganizada pela UNESCO em 31 de outubro na Cúpula Mundial de Inovação para a Educação (WISE).

Os membros da mesa tomaram os quatro pilares da aprendizagem estabelecidos no Relatório Delors, publicado em 1996 pela UNESCO (aprender a ser, aprender a saber, aprender a fazer e aprender a viver em sociedade), como ponto de partida para um debate sobre qual visão deveria orientar a educação no futuro. Escolheu-se o princípio “aprender a viver em sociedade” como o princípio fundamental que deveria estruturar a educação em uma sociedade que nunca antes esteve tão integrada e, ao mesmo tempo, tão vulnerável como está agora. “Os quatro pilares precisam se tornar valores integrados à educação: justiça social, direitos humanos, solidariedade e igualdade de gênero. Temos que nos proteger uns aos outros e, juntos, proteger o meio ambiente; esses são os valores que devem orientar a mudança”, afirmou Angie Motshekga, ministra da Educação Básica da África do Sul.

como mediador indispensável para sabermos como nos apresentar na esfera pública e dialogar, negociar e construir com aqueles que certamente não pensam ou não acreditam como nós.

A aldeia global exige a formação de um cidadão global para o século XXI, um cidadão global que saiba identificar as lacunas humanas do nosso tempo, que saiba descobrir os desafios sociais do nosso planeta e que saiba propor uma nova ordem social, aproveitando a globalização para construir um mundo menos desigual, mais pacífico e mais sustentável.

É bom continuarmos nos perguntando: Que pessoas e cidadãos globais a educação teresiana está formando hoje no mundo?

Que cidadãos globais deve formar? Estamos prontos para educar de cara ao que é e será o século XXI? A aldeia global precisa de cidadãos globais que aproveitem as novas tecnologias para construir uma comunidade internacional, para fortalecer a sociedade civil global, para tecer redes a partir do multiculturalismo, para defender os direitos humanos dos migrantes, das crianças, das mulheres, para construir a paz global, para distribuir melhor a riqueza entre as nações.

Educar cidadãos globais é formar pessoas capazes de se movimentar no mundo e, a partir daí, construir com os outros uma humanidade melhor.

- O poder do apelo ou da convocação e a graça da liderança compartilhada hoje.
Não duvidamos do poder de convocação e liderança que tiveram essas duas figuras que nos convocam

também a nós hoje e ao longo do ano de 2015. Enrique o expressa sem ambiguidades: “Sob as bandeiras dessas duas heroínas incansáveis (Maria e Teresa), convida-vos aquele que vos ama em Jesus Cristo e aspira a salvar a pátria e o mundo, salvando-vos a vós mesmas”.

Teresa, a “ladrã de corações”, exerceu seu poder de sedução pelo conteúdo de sua proposta vivida, por sua palavra verdadeira dirigida ao coração de cada pessoa e por seus gestos coerentes com aquilo em que acreditava. O testemunho de Maria de São José, uma de suas seguidoras, é muito eloquente: “O Senhor me chamou à religião ao ver e conviver com nossa Mãe e suas companheiras, que comoviam até as pedras com sua vida e conversação admiráveis, e o que me levou a segui-las foi a suavidade e a grande discrição de nossa boa Mãe. E acredito sinceramente que, se aqueles que têm a missão de levar almas a Deus usassem daquela habilidade e destreza que aquela Santa empregava, alcançariam muito mais almas do que alcançam” (*Livro das Recreações*, 2)

Suas certezas na hora de convidar outras pessoas podem certamente questionar nossa timidez para convidar, propor, convocar em favor da causa do Reino. Viver a liderança teresiana hoje nos compromete a encarnar uma forma de exercer o poder que humaniza, porque o centro é Jesus e seu evangelho, que mobiliza por dentro e conta com TODOS, pois todos somos necessários, cada pessoa é única e merece uma atenção pessoal.

Considero importante ampliar esse sentido de “chamado” para que

Convidemos também a participar, ou sintamo-nos convidados a participar, em outras plataformas ou espaços que lutam pela defesa dos direitos humanos, pela educação ao consumo, pela criação de redes para alcançar a igualdade, a justiça social, a defesa do planeta Terra, etc. Todas essas seriam formas de associação não confessionais, mas muito humanizadoras.

- Discernir bem os agentes de transformação social e os destinatários de nossa ação evangelizadora. Não podemos deixar de optar preferencialmente, em cada um de nossos contextos, pelas crianças, pelos jovens e pelas mulheres, atualizando seu papel histórico e suas relações na Igreja e na sociedade. Mas gostaria de chamar a atenção para os setores mais vulneráveis desses grupos hoje: meninos e meninas submetidos a condições de vida e de trabalho inadequadas à infância; jovens em situação de risco ou exclusão social; mulheres marginalizadas, maltratadas ou que sofrem as consequências da desigualdade de gênero; famílias com uma necessidade especial de serem acolhidas, acompanhadas e protegidas por terem de enfrentar situações atípicas em seu projeto de vida, segundo uma mentalidade eclesial ou social.
- Acreditar no poder da humildade e da resiliência para viver este tempo com a ousadia dos pobres e dos simples, dos puros de coração, dos amantes e dos amigos do Senhor do Reino. A resiliência é descrita como o espaço e o tempo entre a decepção e o compromisso, entre a

tristeza e a cura, entre a ofensa e o perdão.⁵⁸ Enrique nos falaria da virtude da fortaleza, que tem duas partes: sofrer e empreender⁵⁹. O certo é que não acolhemos essa herança teresiana com a sensação de que somos capazes disso, ou de que nos sentimos fortes, mas a partir da verdade que nos é dada a cada dia, em cada obra e tarefa: “Sem Ti nada podemos fazer, mas contigo tudo podemos”. Sofreremos contradições, cansaço, sabemos que “nas grandes obras o demônio não deixará de fazer guerra”⁶⁰, mas voltaremos a ter energia suficiente para sermos geradoras e capazes de agir com a coragem e a profundidade da imaginação e da fé.

Experiência de Deus, fé, oração e zelo apostólico, olhar de fé, amizade, caminho de liberdade, traços das obras teresianas do século XXI: essas são as palavras que humildemente retiro da experiência e das palavras dos nossos dois mestres. Espero que uma ou duas tenham ficado gravadas em vocês, para que possam despertar algo em seu interior.

Termino deixando em seus corações esta frase inacabada: Se eles voltassem hoje... que palavra você ouviria em seu coração de mulher, de homem, de irmã da Companhia, de sacerdote, de membro da MTA, de associado(a), de voluntário(a) da FundEO, de leigo(a) comprometido(a) com a proposta teresiana de Enrique de Ossó... Quando quiser e puder, compartilhe conosco. Obrigado.

58 Robert J. Wicks, *Rebote: Vivendo a Vida de Resistência* (Nova York: Oxford University Press, 2010); Jill Geisler, *Trabalhar Feliz: O que os Bons Chefes Sabem* (Nova York: Hachette Book Group, 2012): “Reconheçam e afirmem o poder da resiliência em suas próprias vidas!”

59 Revista Teresiana n.º 172, janeiro de 1887: “A virtude da fortaleza tem duas partes, que são: sofrer e empreender. Raramente se encontra a conformidade nas dores sem a condição de um coração corajoso”

60 *Organicémonos* 3, 10